

POR RICARDO JACOMASSI,

ECONOMISTA-CHEFE DA HEGEMONY PROJEÇÕES ECONÔMICAS
✉: RICARDO.JACOMASSI@HEGEMONY.COM.BR

SERGIO BRITO

EFEITO W NA ECONOMIA MUNDIAL?

No decorrer dos últimos meses de junho e julho, os eventos políticos deflagrados nos Estados Unidos afetaram sobremaneira a economia mundial e abalaram a estrutura internacional dos padrões de referência de risco.

Fundamentados em posições particulares, as negociações políticas em torno da votação do orçamento dos Estados Unidos, o qual levaria a aumentar o teto da dívida pública, expuseram a falta de consenso e planejamento na condução da maior economia mundial. No mesmo paralelo, o *modus operandi* do sistema financeiro mundial, desgastado pelos seus próprios erros, voltou a se mover de forma irracional, causando sentimento de pânico no mercado.

O momento atual não é inédito na economia mundial. Basta lembrar o que disse um dos mais importantes economistas, o ilustre John Maynard Keynes, em um dos momentos mais conturbados da história econômica mundial:

"... as ideias dos economistas e dos filósofos políticos, tanto quando estão certos como quando estão errados, são muito mais poderosas do que normalmente se imagina. Na verdade, o mundo é governado quase que exclusivamente por elas. Homens práticos, que se julgam imunes a quaisquer influências intelectuais, geralmente são escravos de algum economista já falecido".

Homens práticos. Vamos nos ater a essa definição, do ponto de vista de Keynes, para dizer que executivos de tal perfil, principalmente os que atuam no mundo das finanças, quando estão à frente de uma crise econômica, sustentam seus discursos nas ideias cultivadas pela academia, não assumindo, na prática, suas responsabilidades.

Outros homens práticos, como os das agências de riscos, levam em consideração as mais diversas variáveis para os cálculos que proveirão a classificação (que pode ser denominada também de nota de crédito ou *rating*). Os modelos, contudo, não expressam com toda a pureza a realidade nem antecipam os acontecimentos futuros; apenas inferem probabilidades de algo que pode ocorrer.

Diante desse paradoxo, seria justo rebaixar a nota dos Estados Unidos justamente após um cansativo acordo para o presidente Obama?

Ademais, os mesmos modelos que rebaixaram os Estados Unidos seriam os mesmos que classificaram os títulos *subprime** com as notas AAA?

Modelos à parte, o que deve ser levado em consideração são os interesses econômicos por trás de um mercado fadado aos ciclos econômicos que as agências de *rating* têm o papel de avaliar. Esse mercado "fadado" ao qual me refiro é hoje o mercado financeiro.

Composto pelas mais diversas faces de especulação, o mercado financeiro tornou-se refém de si mesmo. Em uma linguagem mais ilustrativa, é composto por operações que não produzem nada de real. Ciclos de ganhos e de perdas numa economia capitalista são naturais.

O que preocupa é a velocidade com que os ciclos estão ocorrendo e o tamanho das perdas que provocam às pequenas e médias empresas da economia real e às famílias, visto que são o elo mais fraco da sociedade capitalista.

O desgaste desnecessário do impasse entre republicanos e democratas quanto à votação do orçamento e o crescente endividamento de um número relativo de países europeus formaram a combinação perfeita para desencadear o processo especulativo nas principais bolsas.

De perto, o receio nos mercados pairou sobre a solidez dos bancos europeus e norte-americanos após a divulgação dos resultados do Royal Bank of Scotland (RBS), de prejuízo líquido de US\$2,34 bilhões no primeiro semestre de 2011, com origem nas perdas com seguros e títulos da Grécia.

O maior questionamento do mercado na manhã da sexta-feira 5 de agosto referia-se ao tamanho do buraco bancário. Como se não bastassem as preocupações quanto aos resultados dos bancos no final da tarde dessa mesma sexta-feira, após o fechamento dos mercados, a agência de risco Standard & Poor's rebaixou a nota de risco dos títulos dos Estados Unidos!

O fato representou um duro golpe no orgulho norte-americano e funcionou como gatilho para a forte queda das bolsas na segunda-feira 8 de agosto, indicando o início de um ajuste econômico figurado pelo efeito W. Mas o que é esse tal efeito W? De maneira simples, posso definir o efeito W como a evolução negativa

causada geralmente por queda das bolsas e do PIB, após um período de ajuste.

Quando se inicia a fase de recuperação, sem um período definido e que se esgota, o mercado é remetido para outra fase negativa e, posteriormente, para uma fase de alta. Dessa forma, descreve-se o efeito W como o período de queda, alta, baixa e alta. Os indícios de ajuste econômico mundial nas duas primeiras semanas de agosto podem confirmar a segunda fase de baixa do efeito W.

Quais são, porém, as consequências dessa situação para o Brasil? O maior perigo para o mercado brasileiro está na queda dos preços das commodities, pois cerca de dois terços da bolsa brasileira Bovespa são de empresas que atuam com algum tipo de commodity. Da mesma maneira, o contágio poderá ser causado pela queda do fluxo monetário internacional, motivada pela contração de liquidez dos grandes bancos europeus e norte-americanos, devido aos prejuízos em suas operações.

O principal temor, contudo, vem do outro lado do mundo, na China. Uma recessão no país mandarim pode ter efeito devastador na balança comercial, além de jogar os preços das commodities ladeira abaixo. Diga-se de passagem que os atuais preços das commodities se aproximaram dos valores praticados no pré-crise 2008/2009, em virtude da demanda chinesa. Imune ou não, o Brasil tem arsenal que o posiciona à frente dos países centrais diante de possível ajuste internacional mais intenso. De certa forma, os reflexos do choque causado entre a primeira e a segunda semana de agosto serão percebidos ao longo do próximo trimestre, bem como sua amplitude, demarcando uma fase negativa de, pelo menos, 18 meses.

As lições extraídas dos últimos acontecimentos podem ser tomadas como exemplo do que não fazer. Mesmo com uma posição invejável, o Brasil deveria aproveitar sua blindagem e fazer a lição de casa para tornar sua indústria e os demais setores mais dinâmicos e competitivos. A hora é agora! ■

*Títulos *subprime*: títulos derivados das operações de securitização de crédito do mercado imobiliário.